

Universidade de Brasília

Departamento de Filosofia

Disciplina: Monografia Filosófica, turma D.

Professor: Agnaldo Cuoco Portugal

Aluno: Jean Pierre de Souza

O Conceito de Filosofia na *República*

Dissertação filosófica apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da UnB como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal.

Brasília, 27 de junho de 2011.

Índice

1- Introdução.....	3
2- Filosofia como possibilidade do conhecimento.....	7
3- A filosofia como processo de liberdade da alma.....	17
4- Filosofia como modo de produção da felicidade.....	23
5- Filosofia como fenômeno estético-ético-teológico e político.....	27
6- Considerações finais.....	34

INTRODUÇÃO

“Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da lição, o importante não é o que nós saibamos do texto, o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós vejamos capazes de pensar”.

Jorge Larrosa

“Segundo a tradição, o criador do termo ‘filosofia’ foi Pitágoras, o que, embora não sendo historicamente seguro, no entanto é verossímil. O termo certamente foi cunhado por um espírito religioso, que pressupunha só ser possível aos deuses uma *sofia* (‘sabedoria’), ou seja, uma posse certa e total do verdadeiro, uma contínua aproximação ao verdadeiro, um amor ao saber nunca saciado totalmente, de onde, justamente, o nome ‘filo-sofia’, ou seja, ‘amor pela sabedoria’” (REALE, 1994, p. 21)

E, nas pistas da tradição grega, continuaremos aqui uma investigação sobre a filosofia mesma, naquela que Jaeger chama a “obra mais importante de Platão” (JAEGER, 2003, p. 760), “a grande obra prima, *A República*” (idem, idem, p. 601). Analisaremos assim o que é filosofia na obra máxima do filósofo que, com ele ou contra ele, talvez seja o filósofo mais influente de toda a história da filosofia.

Ainda é preciso observar que, segundo Pierre Hadot, “as palavras da família *philosophia* surgiram apenas no século V a.C. e o termo só foi definido filosoficamente no século IV a.C. por Platão” (HADOT, 1999, p. 27). Assim, vamos encontrar no Fedro: “A palavra sábio, Fedro, parece demasiadamente sublime. Ela convém somente ao divino; já a expressão amigo da sabedoria ou outra semelhante é mais adequada.” (PLATÃO, Fedro, 278 d).

E na *República* Platão faz nítida distinção entre “amigos da opinião” e “amigos da sabedoria” (idem, Rep. 480 a). O “amigo da opinião”, para Platão, é aquele das análises superficiais ligadas à transitoriedade da matéria e à percepção pelos sentidos. Já o filósofo é aquele que procura ver além dos sentidos, buscando o sentido real naquilo que as coisas são em si mesmas, ou seja, no seu aspecto verdadeiro, belo e justo em si.

Assim como Platão apresenta o ser humano essencialmente como uma alma dividida em suas partes, em seus aspectos diferenciados, a própria filosofia não deixaria de se apresentar em sua obra em seus aspectos múltiplos, a saber, teológico, político, estético, ético, poético, todos esses aspectos inter-relacionados, mas também é preciso verificar como a filosofia se caracteriza com as possibilidades dessa coisa humana que é o pensar que se manifesta através de um discurso.

A filosofia talvez seja o conjunto das tentativas máximas, em termos de linguagem, do ato de pensar sobre o próprio ato de pensar e de tudo o que afeta o pensamento; e também o pensamento sobre tudo o que possa dar margem a pensar, dando aquela conexão convincente a esse próprio pensamento, o que chamaríamos de uma maneira racional de articular o pensamento. Essas idéias surgirem dessa forma porque em Platão, a filosofia não se dá somente pelo raciocínio dialético, o *lógos* propriamente dito assim racional. Para Platão, o mundo da inteligibilidade se dá também por imagens, poderíamos dizer, pelo uso da imaginação. Pensar, então, é dialetizar, dialogar, colocar o pensamento em combate, mas também deixá-lo fluir, imaginar. O discurso também se desdobra na produção de imagens.

Dessa forma, a filosofia se dá também com aquilo com o que a mente é capaz de visualizar. Ela, a mente, produz cenas, porque também vivemos num mundo de cenas, ou seja, a filosofia está também dentro deste cenário, de um cenário, como um teatro ou um cinema. A filosofia em Platão se forma, como a sua obra, por personagens, diálogos e lugares aonde acontecem as cenas; personagens que inventamos baseados na “realidade”. A “realidade” é, então, o que nos serve de base para alçarmos voos mais altos.

Platão elabora assim seus diálogos, colocando na boca de um filósofo que se chamava Sócrates talvez palavras que ele nunca teria sido capaz de ter dito: “Dizem que Sócrates, ouvindo Platão ler o *Lísia*, exclamou: ‘Por Heraclés! Quantas mentiras esse rapaz me faz dizer!’ Com efeito, Platão atribui a Sócrates não poucas afirmações que este jamais fez.” (LAÉRTIOS, 1988, p. 93).

Isso nos leva a pensar até que ponto, a partir de Platão, na filosofia de Platão, realidade e ficção não se confundem. Ou até mesmo até que ponto filosofia e ficção não se confundem. A realidade suprema, a verdade, todos os conceitos que saem da obra

platônica não se aproximam, então, disso que chamamos de literatura, poesia? Sabemos que literatura não é, mas não podemos deixar de ver as aproximações da filosofia com a ficção. A *República*, como os diálogos platônicos em geral, revela a aproximação da filosofia com a poesia. “Atacando os poetas consagrados, Platão salva a poesia. Incorreto é ver abismos entre prosa e poesia, no exame da literatura platônica. Na escrita de Platão, prosa e poesia confluem. Consideramos sinônimos fingimento, ficção e poesia. Poderíamos legitimamente proceder de outro modo?” (SCHÜLER, 2001, p.18).

A ficção também não é uma possibilidade do pensamento, às alturas, além das alturas? Não é também uma maneira de interpretar a realidade? E a filosofia também não é uma maneira diferente da ficção, mas como ela, de interpretar a “realidade”? E quantas são as nossas possibilidades de interpretação diante do espetáculo de uma obra viva ou literária que se apresenta sobre nós?

A “Filosofia” é antes, uma palavra, que se nos aparece, que apareceu na Grécia e nos fez seus herdeiros. A palavra guarda um conceito e por isso mesmo nos escapa. Nós vamos assim no rastro dessa palavra na *República* e com ela nos achar e com ela nos perder, pois essa palavra carrega um sentido, melhor, vários sentidos. É que “todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra dos seus componentes. É por isso que, de Platão a Bérgson, encontramos a idéia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição.” (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p. 27). Cortar, articular, superpor filosofia à própria filosofia para fazer aparecer e até desaparecer como queria Platão com os conceitos dos sofistas: sobrepor um conceito sobre outro.

Para Deleuze e Guatarri, “o filósofo inventa e pensa o conceito” (idem, idem, p. 11). O “amor”, o “valor”, o “bem”, o “mal, o “conhecimento”, a “ciência”, por exemplo, são conceitos inventados. Os gregos, como bons filósofos, inventaram também o conceito de “amizade” e de “sabedoria”, e a partir deles, descontentes que eram, inventaram também o de “filosofia”. E como “não há conceito simples, (...) como ele uma multiplicidade (...) Todo conceito é ao menos duplo, ou triplo, etc.” (idem, idem, p. 27), a filosofia também se duplica, triplica-se e multiplica-se conceitualmente. Essa multiplicidade nos leva a pensar na filosofia também como um fenômeno estético, artístico, teatral. Leva-nos também a uma outra pergunta: Qual é o jeito certo para se fazer filosofia? Existe o jeito correto de se fazer filosofia? A filosofia não é o lugar que

exatamente ou inexatamente deve permitir o escape, o espanto, e que, ao mesmo tempo, deve se familiarizar com o desfamiliar, assim como habitante da caverna tem que se familiarizar com a luz que não conhecia?

Pensemos somente na palavra que define, aquela mesma pela qual se dá a significação as coisas: *Lógos*. Quantos significados podemos encontrar para isso que em grego é “palavra, dito; revelação divina, resposta de um oráculo; máxima, sentença; exemplo; decisão, resolução, condição, promessas; pretexto; argumento; ordem; menção; notícia que corre; conversação; relato; matéria de estudo ou de conversação; razão, inteligência; senso comum; a razão de uma coisa; motivo; juízo, opinião; estima, valor que se dá a uma coisa; justificação; explicação; a razão divina” (ISIDRO, 1998, p. 350)?

Por quantos caminhos poderíamos ir atrás do *lógos* filosófico e por quantos caminhos não podemos seguir? Começaríamos, assim, pela palavra, sua etimologia; passaríamos pelo oráculo e, quem sabe por ali não decifraremos uma revelação divina? Veríamos o que esse conceito de filosofia em Platão tem de “exemplo”, de “moral”, de “ético”; e quem sabe, ao final, nos sintamos mais inteligentes, mais iluminados, ou encontremos o motivo mesmo que nos leva a perseguir os conceitos, ou pelo menos, nos satisfaçamos com uma opinião, com uma opinião correta, ou melhor, com muitas opiniões. Ao final, esse texto não deixará de ter sido uma conversa, um diálogo: do personagem que lê com o personagem Platão; do personagem que escreve com ele mesmo.

2- FILOSOFIA COMO POSSIBILIDADE E LIMITE DE CONHECIMENTO.

Na alegoria da caverna temos um alguém que se liberta das correntes que o prende a um mundo limitado. Temos ali dentro da caverna, então, um mundo restrito e, fora dali, um mundo ilimitado. Essa metáfora representa, entre outras coisas, a limitação daquilo que nós conhecemos para a infinitude daquilo que ainda não conhecemos. Infinitude não é o termo propriamente adequado porque, em Platão, o conhecimento chega a um lugar – o conhecimento do Bem. Em todo caso, poderíamos, a partir da leitura de Platão, rondar o terreno dos limites ou do rompimento dos limites do conhecimento.

Tomando como parâmetro a alegoria da caverna, o que é limitado é sem luz, ou seja, obscuro, confuso. Essa falta de luz, essa falta de uma visão nítida das coisas, seguindo o pensamento de Platão, carrega nosso olhar de preconceitos e revela nossa ignorância, pois, estar no mundo da caverna é estar preso, por correntes; é ficar amarrado no mundo das suposições, das imagens difusas; no mundo da ignorância que se liga ao mundo dos sentidos. As sombras desse mundo escuro representam nossas opiniões, crenças e preconceitos. A coisa fica mais ou menos assim dita: isso que conhecemos é pouco.

Então, aquilo que conhecemos, aquilo com o qual já estamos habituados, de alguma forma, está ligado a nossa falta de sabedoria, e a sabedoria é uma abertura para o que não se conhece, o que se dá, a princípio, admitindo-se o não-saber. Por isso, o filósofo é aquele que admite que não sabe para ir em busca do que não sabe, para as possibilidades infinitas do mundo que está por abrir. Platão nos apresentou uma filosofia que é uma ferramenta para abertura de cavernas, rompimentos de cadeados. Diz Gilles Delleuze:

“os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda. (...) Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão. (...) Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver.” (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p. 261)

E o filósofo não tem isso do artista e do poeta? É o filósofo platônico que nos apresentou essa imagem sem a qual dificilmente Deleuze poderia ter feito tal referência, da qual a filosofia abre a fenda da sombra do guarda-sol, das cavernas, trazendo-nos a novidade, a boa-nova de conhecer o que não conhecíamos.

Poderíamos, assim, dizer que o limitado mundo dos sentidos se liga à ignorância tanto quanto seu contraponto, o ilimitado mundo das idéias, liga-se à sabedoria que, por sinal, tem a ver menos com o que conhecemos e mais com o que ainda não conhecemos, ou seja, com aquilo que ainda está por se descortinar. Essa idéia, em Platão, aproxima-se muito do significado etimológico próprio de filosofia que pressupõe a amizade pela sabedoria, mas não a sapiência em si. A filosofia mira o não-saber, aquilo que não sabemos, para isso é preciso se colocar na posição sempre de que não sabemos, pois quem sabe das coisas são os deuses, ou seja, a filosofia tem a ver com o desconhecimento, o não-saber, o que é muito diferente da ignorância. O ignorante é o que fica; o filósofo é o que caminha, melhor, rompe barreira para subir às alturas.

A idéia da sabedoria como uma recusa dela mesma foi trazida para a filosofia por Sócrates. É sabido de todos que ele foi mestre de Platão, que o fez interlocutor da verdade; verdade essa que não está no conhecimento, mas no não-saber, pois Sócrates é o mais sábio por ter a consciência de que não sabe. Nas palavras de Sócrates: “quem sabe é apenas o deus. (...) Eis por que ainda hoje continuo procurando e investigando segundo a palavra do deus se há algum entre os cidadãos ou estrangeiros que possa ser considerado sábio e, como me parece que nenhum o seja, venho em ajuda ao deus demonstrando que não existe nenhum sábio.” (PLATÃO, Apologia, 18 a)

Mas até quando poderíamos avançar no que desconhecemos? Será que podemos lidar com o fato de sempre não sabermos nada ainda que galguemos andares superiores na escada do conhecimento? Elevar a razão ao ilimitado é deparar-se com o caos, e o ser humano não dá conta do caos, a razão só consegue lidar com o que tem ordem. A primeira ordem da razão é colocar as coisas na ordem das palavras, da linguagem. Aí sim, poderemos filosofar a partir do *lógos*, curiosa palavra que significa simultaneamente “palavra” e “razão”, levando-nos a crer que uma é para outra, que nasceram juntas, ou melhor, as outras línguas separaram isso que era um, ou seja, conhecimento, isso que se dá dentro da ordem da linguagem, só é possível dentro de

limites, a começar, pelo da palavra. Fora dele, do *lógos*, da ordem, talvez o ser humano perca a dimensão dele mesmo, talvez ele passe a se desconhecer. E será que sabemos lidar com o fato de desconhecermos a nós mesmos? Não entrariamos, indo assim tão longe, nos terrenos do desconhecimento, na loucura? Assim se pronunciam, enquanto filósofos, Deleuze e Guattari: “Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos” (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p. 259).

Ainda assim, a razão faz suas tentativas para ir além dos seus próprios limites, mas somente em termos de tentativas, com o mito. Platão estava muito envolvido com a razão para não perceber os limites e os problemas dela mesma, por isso fazia uso das alegorias e dos mitos: “O mito procura um esclarecimento no *lógos*, e o *lógos* um complemento no mito. À força da ‘fé’ que se explicita no mito, Platão confia à força do mito a tarefa, no momento em que a razão alcançou seus limites extremos, de superar intuitivamente esses limites e de coroar e completar esse esforço da razão, elevando o espírito a uma visão ou, ao menos, a uma tensão transcendente.” (REALE, 1994, p. 41) Ainda assim, o mito é uma imagem dentro de uma ordem.

Então, de um modo ou de outro, precisamos de uma ordem. É preferível o “conhece-te a ti mesmo” ao desconhece-te a ti mesmo, é mais seguro. Ainda que, de vez em quando seja preciso desconhecer-se, desestruturar-se, para depois termos noção, talvez, do que sejamos. É aí que Platão lança as suas fichas, fazendo o esforço até onde a razão conseguir de ordenar o ser humano, e com ele, aquilo que dele se desdobra, a saber, a política, a educação, a religião, e todas as suas outras formas ou tentativas de organização da vida como um todo. Dessa forma, Platão vai tentar construir a forma mais organizada de se viver em sociedade, viver na *pólis*, a sua *Politéia*. Ela é a cidade da ordem, organizada pelo filósofo, conforme a sua ligação com os deuses. “O filósofo, convivendo com o que é divino e ordenado, tornar-se-á ordenado e divino até onde é possível a um ser humano” (PLATÃO, República, 500 d).

Mas se o filósofo tem uma natureza divina, então, é claro que ele é o portador de uma divindade ou é como um enviado dos deuses para reorganizar a cidade de acordo com o modelo deles, os deuses. E uma cidade organizada segundo o modelo dos deuses tem que ser perfeita. O filósofo vai construir uma cidade que tem, portanto, uma origem não no plano da política, da *pólis* do mundo dos sentidos, mas uma *pólis* com uma

origem no plano das idéias, em um plano divino. Assim será a *Politéia*, como uma cidade de *theios* (*θεῖος*), em grego, “de origem divina”, “consagrado aos deuses”.

Organizar uma cidade segundo um modelo divino é organizar a cidade segundo o *cósmos*. E o cosmos é a ordem dos deuses, o modo como os deuses organizaram as coisas, os planetas, as estrelas, o movimento de tudo, da vida, o modo como eles organizaram o que existe. *Kósmos* (*Κόσμος*) significa “ordem, boa ordem; decência, conveniência; disciplina, organização, constituição, ordem do universo; universo, céu, astros” (ISIDRO, 1998, p. 331). Se o modelo dos deuses é o modelo cósmico, perfeitamente organizado, nossa forma de organização deve seguir o modelo deles.

A *República* é um todo ordenado. Assim como no *Banquete*. Diz assim Schuler sobre o *Symposium* platônico:

“Platão, recusando flautistas e a algazarra de vozes desencontradas, privilegia no *symposion* (a palavra grega para banquete) o prefixo *syn* (sym), que indica a participação ordenada. Como *Symposium*, o banquete é um *kosmos*, um todo articulado, um *logos*, disposição inteligente de objetos, palavras, homens. A ordem textual significa a apreensão ordenada do sentido. Manifesto está o projeto: converter textualmente o caos em cosmo.”
(SCHÜLER, 2001, p.19)

Assim, o homem vai ligando o divino, essa ordem cósmica, e a sua natureza humana à *physis*, que é a Natureza assim com um *N* maiúsculo. E toda aquela tradição da filosofia que começou com os filósofos da *physis*, também por isso, não se perde em Platão. É que “os gregos tiveram o senso inato do que significa ‘natureza’. ‘O conceito de natureza, elaborado por eles em primeira mão, tem indubitavelmente origem na sua constituição espiritual. Muito antes de o espírito grego ter delineado esta idéia, eles já consideravam as coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes apareceria como parte isolada do resto, mas sempre como um todo ordenado em conexão viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido.’” (JAEGER, 2003, p. 11)

A filosofia vai se constituindo, então, como um instrumento, instrumento da razão, a serviço da arte de dar sentido às coisas, o sentido correto, e a arte de organizar - uma administração. Isso se desdobra, na *República*, em dois pontos: administrar a cidade e administrar a si mesmo.

Administrar a si mesmo é o ponto central, mas pensar em administrar o próprio ser humano é uma tarefa difícil, então, Platão se lança à tarefa de ver como pode ser, como deve ser uma cidade organizada e, depois, traçar o paralelo para ver como se dá o ser humano organizado, o ser humano cósmico, o ser humano ligado ou religado ao divino.

Religado porque sabemos que “é igualmente verdadeiro que Platão não é o metafísico abstrato: a metafísica das idéias tem também um profundo sentido religioso” (REALE, 1994, p. 45). É nesse campo que entra o conceito fundamental de justiça. O homem justo é o homem ligado a uma justa medida que provém de uma ordem divina, é aquele que não se escapa a si mesmo, que fica conectado à natureza cósmica e ao mesmo tempo à sua própria natureza. O justo não se desvia, não atropela o que está a sua frente nem atrapalha quem está atrás. O ser humano justo é o que tem conhecimento de ser uma parte no todo, um planeta no sistema solar. O justo é o que permanece dentro dos limites da sua própria natureza seja ele artesão, guerreiro até mesmo filósofo (mas o filósofo tem limites? Já vimos que sim – o da razão). O ser humano justo é uma estrela no espaço, e só tendo essa noção cósmica, do todo, de ele que é pequeno diante de um todo, de que ele não sabe, ou seja, resignado dentro de sua humildade, ele pode brilhar como ser humano.

E dentro das naturezas humanas, aquele que pode atingir, pela razão, o máximo da contemplação da ordem divina do *cosmos* é o filósofo. “Os filósofos são aqueles que são capazes de atingir aquilo que se mantém sempre do mesmo modo” (PLATÃO, República, 484 b). Nesse sentido, a filosofia se esforça em conhecer alguma coisa, em ser instrumento da razão para conhecer até onde seja possível, na ambição de conhecer a verdade até onde seja possível: “O filósofo é uma planta divina, um homem em consonância com a virtude e regulado pela sua cadência na perfeição, até aos limites do possível, em actos e em palavras” e, ao mesmo tempo, é “daqueles em que se procura esforçadamente a verdade, de todas as maneiras, pelo desejo de a conhecer” (idem, idem, 498-e 499-a). E conhecer a verdade é contemplar aquela ordem máxima do cosmos, o conhecimento que é a ordem suprema que mantém a ordem de tudo, ao contrário daquilo que é mutável, como as opiniões. A verdade, em Platão, se associa a algo firme, completamente seguro, longe de todos os perigos, dos acidentes, das quedas humanas.

Então, a significação de filosofia, a princípio, se configura como uma busca do que não se sabe, admitindo-se o não saber como se mostra no livro I: “Mas meu excelente amigo – repliquei – como é que uma pessoa há-de responder, em primeiro lugar sem saber, e declarando não saber.” (idem, idem, 337 e). E, como nos diálogos socráticos, o livro I termina sem uma definição sobre o que é justiça, levando-nos aquela noção de o que o importa não é tanto o saber, mas saber que não se sabe:

“Também eu, antes de descobrir o que procurávamos primeiro - o que é a justiça – largando esse assunto, precipitei-me para examinar, a esse propósito, se ela era um vício e ignorância, ou sabedoria e virtude, depois, como surgisse novo argumento – que é mais vantajosa a injustiça do que a justiça – não me abstive de passar daquele assunto para este, de tal maneira que daí resultou agora para mim que nada fiquei a saber com esta discussão. Desde que não sei o que é a justiça, menos ainda saberei se se dá o caso de ela ser uma virtude ou não, e se quem a possui é ou não feliz.” (PLATÃO, *República*, 534 c)

Mas, na *República*, o filósofo vai deixando de ser aquele que não sabe, e começa a se apresentar como aquele que de fato possui um saber. Sócrates passa a definir com todas as letras o que é, por exemplo, a justiça: “a posse do que pertence a cada um e a execução do que lhe compete constituem a justiça.” (idem, idem, 434 a). Assim, a filosofia já não pode mais ser considerada como uma abertura para o não saber, ela quer agora tomar posse, não só do Estado, mas também do conhecimento, do conhecimento como um todo, da verdade. A filosofia é uma educação para a aquisição da verdade e agora, portanto, os filósofos não são mais amigos, mas “os amantes do espetáculo da verdade” (idem, idem, 575 e).

É este o aspecto sob o qual Platão expõe o que é a “filosofia” dentro do Estado. Em alguns poucos traços elabora um catecismo da Filosofia no qual determina a sua essência por meio do objeto do seu saber. O filósofo é o homem que não se entrega à multiplicidade das impressões sensoriais, nem se deixa arrastar durante a vida inteira pelo vaivém das simples opiniões, mas orienta o seu espírito para a unidade do que existe. Só ele possui um conhecimento e um saber no verdadeiro sentido destas palavras; por meio da variedade e individualidade dos fenômenos vê a imagem fundamental, universal e imutável, das coisas: a “idéia”. (JAEGER, 2003 p. 841-842).

Sim, a contemplação máxima, a possibilidade máxima do conhecimento que o filósofo há de conhecer é a idéia do bem. “A idéia do bem é a mais elevada das

ciências” (PLATÃO, REPÚBLICA, 505 a). “É ela a causa do saber e da verdade” (idem, idem 508 e).

Dessa forma, Platão leva as possibilidades do conhecimento não ao infinito com o qual, talvez, transpassando para além da razão e do mito, ou das imagens, entraríamos no caos; mas a um limite inteligente, a um fim que não é exatamente chegar a um ponto final, mas circular. É que a dialética é um modo de pensar circular, é um ir e vir sem cessar. “O modo grego de pensar é, em geral, afirmativo, mas não linear e sim, digamos, dialético, ou seja, caracterizado por um modo dualista de pensar. Foi a tradição pitagórica, cultura da idéia do tempo cíclico (...) que o concebeu desse modo. (SPINELLI, 2006, p. 141).

Desse modo, sair em busca do conhecimento até o limite de onde a razão possa suportar atingir é retornar à causa dele: a idéia do bem. O conhecimento, que o esforço filosófico tem que mirar, tem um lugar a chegar – o Bem. Platão “dirige nosso olhar para a meta, para o cume escarpado que temos de escalar. Esta meta que até agora só tinha sido mencionada em termos genéricos como a maior lição, não é senão a idéia do Bem, isto é, aquilo em virtude de que tudo o que é justo, belo, etc., é proveitoso e salutar.” (JAEGER, 2003, p. 867)

E essa meta filosófica, que é o conhecimento do Bem, curiosamente não pode ser explicada nos termos da nossa lógica, da nossa linguagem, que o esforço dialético chegou. Ao chegar ao Bem não podemos definir o Bem, o que coloca Platão no terreno da mística, no território do silêncio, sobre o qual não se pode falar, mas sim vivenciar. Como nos confirma Jaeger: “Platão também não procura, no que se segue, definir em sentido rigoroso a natureza do Bem-em-si. Em nenhuma de suas obras o faz, apesar da freqüência com que elas, no final da investigação, conduzem a este ponto.” (idem, Idem, p. 869).

Como foi dito, a filosofia para Platão não se dá apenas pela razão, pela dialética, mas pelas imagens. É assim que “uma alegoria plástica, em que a máxima força poética conjuga-se com a sutileza plástica do traçado lógico, descobre repentinamente o lugar e o sentido da idéia do Bem, como princípio supremo da filosofia platônica” (JAEGER, 2003, p. 870).

Para filosofar, Platão sempre nos convida a lançarmos mão de um recurso que nos é próprio, a imaginação. Essa palavra “imagem” percorre a sua obra: “Mas observa ainda melhor a *imagem* do Bem” (PLATÃO, República, 509 b); “*imagina*, pois, que acontece uma coisa desta espécie (idem, idem 488 a); “depois disso – prossegui eu – *imagina* a nossa natureza, (...)” (idem, idem, 514 a). Desse modo, poderíamos dizer que, a filosofia começa com imagens difusas, fractárias e ilusórias das opiniões e retorna a uma imagem segura, sólida, do bem, mas que ao mesmo tempo, não pode ser dito com as letras, com todas as letras, é uma imagem. É aí que Platão, para termos uma noção do que é o bem, apresenta-nos a alegoria do sol.

O sol que representa para o mundo físico a luz e que dá origem e sustenta a vida é o correspondente do Bem no mundo das idéias. O Bem é, assim, a origem essencial de tudo o que é bom e ele mesmo transcende a tudo o que podemos conhecer, pois “o bem não é uma essência, mas está acima e para além da essência” (PLATÃO, República, 509 b). É a essa origem de tudo o que é bom, belo e ordenadamente justo; modelo para a qual toda a nossa forma de organização, de Estado, de ser humano, de educação, etc., tem que estar alinhada. “O eternamente bom, diz-nos, manifesta a sua essência no seu filho, o supremo deus visível do céu, Hélios, o Sol.” (JAEGER, 2003, p. 870)

A partir da alegoria do sol, Platão nos apresenta um novo olhar sobre o que é filosofia: a arte de ver bem. A visão é “o mais nobre de todos os sentidos do homem” (PLATÃO, República, 507 c) e os olhos precisam do princípio luminoso (o sol) que vem do céu, de Deus, para conhecer a vida, ou melhor, para contemplar o Ser, o Bem. Contemplar é não só vivenciar, experimentar, saborear, mas também ver. E “é a idéia do Bem que ao conhecido confere caráter de verdade e ao conhecente força para conhecer. É certo que , assim como o nosso olhar vê o Sol, nós conhecemos também aquela idéia, causa do conhecimento e da verdade.” (JAEGER, 2003, p. 872). Foi assim que Platão nos apresentou uma espécie de fórmula que deve caracterizar a filosofia:

Isso que eu não via, agora vejo.

Até aonde puder ir nosso olhar, com os recursos da razão e da imaginação, é até lá aonde poderá ir nossa filosofia. É assim que Platão, abrindo as fendas das cavernas, quer retirar a filosofia dos buracos da terra e lançar-nos no ar. É a partir de Platão que podemos pensar que a filosofia é também aquilo até aonde nossa mente for capaz de

voar, e contemplar do lugar mais alto possível, que nossa mente e nossa imaginação permitir, como se dá o movimento vivo de tudo o que existe, o porquê e a causa das coisas, dando-nos aquela visão do todo.

A dialética é o esforço até saímos da caverna, mas a partir da saída, entramos em outro terreno, aéreo, etéreo. Não serão mais nossas pernas pesadas do jogo da lógica que nos permitirá abrir nossos olhos e se espantar com a beleza que há, mas a entrega contemplativa que nos lança no voo que possibilita a maravilha de ver o que não se via, não se sabia, de ser espectador panorâmico da beleza em sua amplidão.

Em Platão, sabemos bem, aquilo que pertence ao mundo físico está suscetível às transformações do tempo, degenera-se, desfalece-se e não pode ter tanto valor quanto aquilo que é eterno. “O conhecimento do verdadeiro Ser representa ainda a passagem do temporal ao eterno. A última coisa que na região do conhecimento puro a alma aprende a ver, “com esforço”, é a idéia do Bem.” (JAEGER, 2003, p. 885)

A filosofia é um convite que, ao final, assim como Bem, não é para exatamente definir ou ser definível, mas para encontrar-se com ela, com algo, que em Platão é o Bem. Como nos diz Jaeger a respeito da obras platônicas: “Todas essas obras perseguem a mesma finalidade, quando indagam a essência das diversas virtudes estudadas nelas: não tratam de definir as distintas virtudes, mas sim de se elevar ao princípio do Bem-em-si, que na *República* se revela como a causa última (*arqué*) divina de todo o Ser e de todo o pensar.” (idem, idem, p.878)

Poderíamos dizer, enfim, de tanto gostar de saber, de tanto querer conhecer, de tanto querer avançar, com as maiores boas e puras intenções, vamos chegar a algum lugar, esse lugar é o Bem. Mas não sabemos exatamente o que é o Bem, consola-nos saber que ele não é o Mal, porque é supremo e divino. Estamos diante dele e sob ele.

Da filosofia talvez possamos dizer que é um caminho seguro, firme, correto, certo, para um ponto que não se sabe exatamente o que é. Um caminho para o divino, encontrar o divino, sempre aberto para a surpresa do que pode ser o divino em si. Parece que isso não sai de nós, mas vem dele, do Bem. É o divino que nos revelaria, então, sobre aquilo que não sabemos. “Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a idéia do Bem, e uma vez avistada, comprehende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela quem criou a

luz. Da qual é senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.” (PLATÃO, República, 517 c).

Assim, podemos ainda dizer que a filosofia começa na Idéia, porque dela provém tudo o que é bom, como a amizade e a sabedoria, e termina na Idéia.

O que é preciso se ter, então, para Platão, para se fazer filosofia? Ter uma boa idéia, investigar essa própria idéia até onde seja possível, construindo assim um edifício seguro, que é uma idéia organizada.

A idéia do Bem, auge da pesquisa filosófica, é o ordenamento supremo, parâmetro para ordem individual e do indivíduo na *polis*. “Depois de verem o bem em si, usá-lo-ão como paradigma para ordenar a cidade, os particulares e a si mesmos, cada um por sua vez, para o resto da vida, mas consagrando a maior parte dela à filosofia” (idem, idem 540 a).

3- A FILOSOFIA COMO PROCESSO DE EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE DA ALMA

É esse Sócrates, aquele que desconhece, que movimenta a construção de uma cidade ideal, e mais do que isso, as possibilidades de um modelo de vida ideal, pois que “a discussão não é à deriva, mas sobre a regra de vida que devemos adotar” (PLATÃO, República, 351 e-352 a).

Para Platão, ainda perseguindo a alegoria da caverna, existem dois modos de ser: prisioneiro e liberto. E a filosofia vai se mostrando como aquela capaz de apresentar essa realidade, ou essas realidades, e que, ao mesmo tempo, é um instrumento com essa finalidade libertária.

Assim, aquele alguém que se liberta das correntes é alguém como um filósofo, como um Sócrates que, em primeiro lugar, admite o não saber, deseja aquilo que não conhece. Podemos dizer, então, que aquele que se desprendeu teve uma atitude filosófica, sendo descontente com aquilo que tem, inconformado com o que vê, infeliz com o que conhece, pois esse conhecimento é tão limitado quanto as paredes de uma caverna.

É preciso observar que o começo para a nova vida não é mérito do habitante da caverna. A alegoria narra que ele é solto por um alguém, uma fora exterior e, a partir dali, é forçado a tomar uma nova postura, aquela que aponta para a luz. “logo que alguém soltasse um deles e o forçasse a endireitar-se de repente a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz.” (idem, idem, 316 c). Isso que dizer que os habitantes da caverna precisam de um educador que liberta, de um educador que endireita, que corrige, que deixa o ser humano correto, reto para a luz.

A caverna representa o oposto de um lugar iluminado, o buraco, uma prisão. Ser da caverna é ser prisioneiro, é estar imerso, dentro, completamente dentro disso que é a terra (mundo dos sentidos) e tudo o mais que possa estar associada a ela, que é grossa, mas que, ao mesmo tempo, faz germinar. A terra faz a planta nascer para ganhar o espaço do ar, e receber nas suas folhas a luz. Então, uma vez que nascemos nesse mundo, uma vez que somos desse mundo, temos que, ajudados por uma força superior, aprender a crescer para nos libertarmos dele, dela.

É assim que Platão nos apresenta a filosofia e a atitude de filosofar como o alimento para esse crescimento. Isso inflama primeiramente uma negação, primeiramente, como dissemos, uma negação do não saber e depois a negação do mundo, que é também negação da ignorância. Assim, nesse primeiro momento, ficamos entre a ignorância e o saber. Seremos *philodóxos*, amigos da opinião. É preciso cortar o cordão umbilical com o mundo, negá-lo para querer algo melhor do que ele está sendo. Começa, então, o descontentamento com o mundo que se tem. Platão demonstra na *República* todo esse descontentamento para onde se volta seu olhar. Para o sistema político, o sistema de governo vigente na Grécia Antiga - a democracia. Assim, “a obra de Platão pode ser entendida também como uma longa reflexão sobre a decadência da democracia ateniense” (CHAUÍ, 1994, p. 2); a educação dos sofistas não é adequada; a influência dos poetas, como Homero, não é boa. Dessa forma, as pessoas desse mundo grego estão dominadas por formas de pensamento que não libertam o indivíduo para uma vida superior, pelo contrário, a vida, diríamos, não é organizada para a liberdade, mas o que existe é uma desordem de tal maneira que os habitantes da *pólis* se escravizam a um tipo de vida pequena.

Em Platão, a partir da alegoria da caverna, surge na filosofia o significado de rompimento. É preciso romper para se elevar: romper com democracia de Atenas, com a injustiça, enfim, com tudo o que provém da ignorância e com a ignorância mesma. E esse rompimento é para a liberdade. “os nossos guardiões, isentos de todos os outros ofícios, devem ser os artífices muito escrupulosos da liberdade do Estado, e de nada mais se devem ocupar que não diga respeito a isso, não hão de fazer ou imitar qualquer outra coisa” (PLATÃO, *República*, 394 d).

E, na *República*, também, essa liberdade é para a felicidade do ser, ou seja, o modo de vida da *polis*, tal como existe na democracia ateniense, gera indivíduos infelizes. Assim, a filosofia é para a liberdade que é para a felicidade. Mas a relação entre a filosofia e a felicidade será abordada no capítulo seguinte.

Dessa forma, a filosofia se apresenta como um modelo de educação para o processo de formação do ser no sentido de torná-lo uma alma aproximada ao modelo dos deuses, ou seja, livre e completa.

Mas como se libertar do que nos prende para termos acesso ao ilimitado? Qual o instrumento que a filosofia ou o filósofo utiliza no processo de libertação do que aprisiona?

A razão é claro é o instrumento-guia. O exercício racional da dialética é o instrumento com o qual o filósofo faz a sua escalada ao verdadeiro. É nesse exercício filosófico de perguntar e responder, em um livro que é todo de perguntas e respostas, que nos remete à necessidade primeira e contínua para ser filósofo: perguntar sempre, e tentar responder, e perguntar de novo, e, se for preciso, de novo perguntar. Assim também nasce a filosofia para Platão, em uma frase com reticências: “Eu me pergunto...”

Sobre esse ponto nos diz Jaeger: “O diálogo socrático de Platão é uma obra literária indubitavelmente baseada num sucesso histórico: no fato de Sócrates ministrar os seus ensinamentos sob a forma de perguntas e respostas. É que ele considerava o diálogo a forma primitiva do pensamento filosófico e o único caminho para chegarmos a nos entender com os outros” (JAEGER, 2003, p. 501).

Assim, a filosofia se compõe como um eterno perguntar. Eu me pergunto sobre a vida, sobre a política; eu me pergunto se eu entendo realmente disso que eu acho que entendo; eu me pergunto sobre o destino da alma e, talvez, a pergunta mais importante: eu me pergunto sobre o meu modo de viver no mundo.

Segundo Diógenes Laércios, foi Platão que deu à filosofia essa conotação. “Platão foi o primeiro a introduzir a discussão filosófica por meio de perguntas e respostas” (LAÉRCIO, 1988, p. 90). A filosofia, podemos dizer, então, pela primeira vez, aparece como dialética, visto que “a dialética é a arte da discussão com o objetivo de refutar ou aprovar uma tese por meio de perguntas e respostas dos interlocutores” (idem, idem, p.96). O que, na opinião de Diógenes Laércio, foi elevar a filosofia à perfeição: “A filosofia primeiro dedicou-se unicamente à natureza; depois, com Sócrates, introduziu a ética como segundo assunto, e com Platão a dialética como terceiro, levando assim a filosofia a sua perfeição” (idem, idem, p. 98).

A filosofia, pela dialética, vai formando o ser educado para a liberdade.

“Platão é o grande filósofo educador que a Grécia legou ao Ocidente, a ponto de um seu estudioso chegar mesmo a afirmar que seus diálogos ‘não contém

proposições de Platão, mas apenas retratos de pessoas se tornando e falhando ao se tornarem filósofos'. Uma tal afirmação implica aceitarmos a filosofia como uma prática de ensino e aprendizagem, um fato educativo em que os jovens são educados para a busca da idéia esclarecedora, a verdade, por meio do método dialético, uma herança de Sócrates, para todos nós" (Oliveira, 2003, p.135).

A educação, então, pressupõe a prática de exercício, e o exercício da mente pensante para o raciocínio correto é a dialética. “E consoante Platão, o filósofo é o dialético treinado. Um exercício (*meleté*) assim corresponde ao esforço (*pónos*) que a filosofia demanda” (idem, idem, p. 136).

Esse esforço vai fazer o aprendiz escalar as alturas. As perguntas e as respostas vão compondo, como degraus, a escada que leva para o conhecimento verdadeiro. E se o filósofo é aquele ser incansável que sobe até o último degrau da última resposta, a resposta final, ele chega, enfim, às respostas verdadeiras, ele contempla a verdade. Ele chega, portanto, em lugar seguro, estável: “(...) os filósofos são aqueles que são capazes de atingir aquilo que se mantém sempre do mesmo modo.” (PLATÃO, Rep. 484 b). E ele, o filósofo, atinge esse lugar e só atinge esse lugar porque ele aprendeu a recusar o que não serve para aperfeiçoamento de si (as ilusões sensoriais) e aceitar, pelo exercício da confrontação dialética, aquilo que está de acordo com sua natureza filosófica: “Concordemos, relativamente à natureza dos filósofos, em que estão sempre apaixonados pelo saber que possa revelar-lhes algo daquela essência que existe sempre, e que não se desvirtua por ação da geração e da corrupção” (idem, idem 485 a-b).

Por isso mesmo, Platão inicia a *República* com um homem virtuoso que tem a admiração de Sócrates, Céfalo, ou seja, aquele homem que não cedeu aos sentidos, que não foi seduzido pelo lado das injustiças que lhe poderiam lhe trazer “vantagens”. Ele, ao contrário, um homem moderado, ou seja, possui a virtude da temperança. Apesar de rico, não é apaixonado pela riqueza, mas via nela um auxílio para não cometer injustiças; era um homem “comedido e prudente” (idem, idem 331 a), que procurou levar uma vida de uma maneira “justa e santa” e que, por isso, goza da paz de consciência da velhice. Esse lugar, que dá a tranquilidade da alma é o lugar seguro que só aquele que segue a vida com retidão de caráter pode alcançar. Por isso o exemplo da maturidade da velhice é importante, pois ele também traz a noção de o que é mais experiente tem a melhor noção da vida e dela como um todo e que não se prende às

ilusões da juventude. Isso se assemelha ao velho Sócrates da *Apologia* que dizia: “Não faço outra coisa, em verdade, com este meu andar, senão persuadir a vós, jovens e velhos, que não deveis cuidar nem do corpo, nem das riquezas, nem de qualquer outra coisa antes e mais que da alma, para que ela se torne ótima e virtuosíssima, e que das riquezas não nasce virtude, mas da virtude nascem as riquezas”. (PLATÃO, Apol. 17 a)

E assim, o filósofo é apresentado na *República* como aquele que tem a melhor visão, o melhor campo de visão, ele é o piloto de um navio. Cabe a ele, portanto, o papel de manter as coisas nos seus devidos lugares, ou seja, no lugar seguro. A *República* é um lugar seguro, existe uma vigilância para o sistema não ruir. Talvez a principal vigilância é no sentido de educar cada ser, a viver de acordo com sua natureza, sem excessos, ou seja, sem querer transbordar ou transpor os limites do seu próprio ser, da sua própria alma. A alma precisa ser educada para o que é. E se à filosofia cabe o papel da educação cabe a ela também o poder de comando.

E, dessa forma, a filosofia se configura como prática educacional para a liberdade da alma, pois “A *República* platônica é, antes de tudo, uma obra de formação humana.” (JAEGER, 2003, p. 837). Essa formação destina-se para o conhecimento da verdade e “o conhecimento da norma suprema, que o filósofo abriga na sua alma, é o fecho da cúpula do sistema do Estado educacional platônico”.

O Estado platônico é o estado governado pelos reis-filósofos, portanto, dizer que o Estado é dominado pela filosofia, é dizer que a filosofia não só mantém a ordem divina do funcionamento do Estado, mas educa os cidadãos para o Bem. Isso é o que dá sentido ao que Platão coloca no *Eutidemo* de que “a filosofia é o uso do saber em proveito do homem” (PLATÃO, Eut. 288 a), em proveito da educação do Ser.

A esse respeito insiste Jaeger: “Jean-Jacques Rousseau soubera aproximar-se bem mais do Estado platônico, ao declarar que a *República* não era uma teoria do Estado, como pensavam aqueles que só julgavam os livros pelos títulos, mas sim o mais formoso estudo jamais escrito sobre educação” (JAEGER, 2003, p. 752).

E ainda: “A *República* platônica é, antes de tudo, uma obra de formação humana.” (idem, idem, p. 837). E tudo o que atrapalhar a educação para a liberdade deve ser retirado da cidade ideal, como a poesia:

Palavras como estas e todas as outras da mesma espécie, pediremos vénia a Homero e aos outros poetas, para que não se agastem se as apagarmos, não que não sejam poéticas e doces de escutar para a maioria, mas, quanto mais poéticas, menos devem ser ouvidas por crianças e por homens que devem ser livres, e temer a escravatura mais do que a morte. (PLATÃO, Rep. 387 b).

Ao que parece, o próprio sentido de cidadão (*polítes*) na Grécia, já pressupunha um sentido de liberdade. Sentido sobre o qual Hannah Arendt comenta: “O que distingue o convívio dos homens na polis de todas as outras formas de convívio humano que eram bem conhecidos dos gregos, era a liberdade. (...) Ser livre e viver-numa-pólis eram, num certo sentido, a mesma e única coisa.” (ARENDT, 2004, p. 47)

Platão vai estabelecer todos os quesitos, as matérias a serem estudadas que, a princípio, são a música e a ginástica; seguem as provas, ou seja, todo um sistema educacional que vai selecionar os guardiões, plantas divinas que devem ter o cuidado para crescerem e terem a alma livre. Em Platão, a filosofia é, em um sentido, educação do espírito, em termos platônicos, da alma, ou seja, a filosofia é educação da alma que liberta da fúria das ilusões, das paixões: “Quando as paixões cessam de nos repuxar e nos largam, acontece exactamente o que Sófocles disse: somos libertos de uma hoste de déspotas furiosos.” (PLATÃO, Rep. 329 c)

4- FILOSOFIA COMO MODO DE PRODUÇÃO DA FELICIDADE

“A filosofia se divorciou da ciência ao indagar com qual conhecimento da vida e do mundo o homem vive mais feliz. Isso aconteceu nas escolas socráticas: tomando o ponto de vista da felicidade, pôs-se uma ligadura nas veias da investigação científica – o que se faz até hoje.”

Friedrich Nietzsche

De todas as perguntas que a filosofia possa vir a fazer, para Platão, segundo a herança socrática, a pergunta mais importante é aquela que se volta sobre si mesmo. Voltar uma pergunta sobre si mesmo é questionar-se de modo a verificar: isso que eu sou, isso que eu penso, isso que eu faço – faz de mim uma pessoa feliz?

“É que o nosso exame diz respeito ao que há de mais importante, a felicidade ou a infelicidade na vida” (PLATÃO, Rep. 578 c). Se toda a discussão da *República* é para o que há de mais importante, então a discussão filosófica é para o encontro da felicidade (*εὐδαιμονία*).

Sobre este termo o professor Márcio Petrocelli Paixão explica:

O termo grego original *εὐδαιμονία* traz nuances incompreensíveis pela expressão portuguesa ‘felicidade’, visto que traz implícitas as idéias de ‘eu’, na qual se encontra implícita a noção de ‘bem’, e *δαίμονος*, ‘gênio’, ‘deus’, ‘divindade’. Coincide, porém, de certo modo, com qualquer termo análogo, uma vez que se trata justamente daquilo que constitui uma busca de todo homem. Seja esta busca qual for, é sempre chamada ‘felicidade’. A associação desta busca humana universal a algo divino é uma marca do ideal da tradição grega: a melhor vida para os gregos, mesmo a dos prazeres, esteve sempre ligada a uma concepção do divino. (Paixão, 2002, p. 31)

A concepção grega para a divindade, a concepção das culturas religiosas, é de que a vida divina é a vida melhor porque é a vida feliz. E a vida dos deuses é a vida feliz. O bem maior dos deuses talvez seja a de que eles não sofrem, não sentem dor, não morrem, pois eles mesmos são a causa de tudo o que é bom, e não do mal. “O bem não é causa de tudo, mas causa de bens” (PLATÃO, Rep. 379 b).

A humanidade precisa de quem os salve da miséria de vida em que eles, os mortais, se colocam. E “Platão vê na filosofia a tábua de salvação, pois apresenta a solução para os mais candentes problemas da sociedade humana.” (JAEGER, 2003,p. 843). Para Platão, portanto, a filosofia tem o propósito de salvação, ou seja, salvar o homem de uma mal, ou do mal que é a desarmonia, o desarranjo, a injustiça.

A cidade que é desordenada, que não respeita a natureza humana, melhor ainda, a natureza dos tipos humanos, só pode produzir seres humanos infelizes. É claro que a inferência é que a Atenas de Platão é vista por ele como uma cidade infeliz. Mas o ser humano é para a luz da divindade e a luz da divindade é o Bem. O Bem representa no mundo das idéias o que o sol representa no mundo dos sentidos. Assim, a vida no Bem, com o Bem, a contemplação do Bem, passível de se viver nele, nos torna parceiros do Bem, amigos do Bem. O filósofo é amigo da Benevolência. Então, é preciso remodelar o mundo e o ser humano para que ele possa alcançar a contemplação do Bem, estar com o Bem, estar de bem consigo, ser feliz.

Quem carrega essa missão divina é o filósofo. “Ora, presentemente estamos a modelar, segundo cremos, a cidade feliz, não tomando à parte um pequeno número, para os elevar a esse estado, mas a cidade inteira.” (PLATÃO, República, 420 c). Eis que a *politéia* é a cidade da felicidade porque é a cidade de Deus, a cidade ao modelo dos deuses. No lugar da democracia, do governo do *demos*, Platão propõe uma nova forma de governo, ou seja, o governo do rei-filósofo. Ele chega a afirmar, na *República* que “não haverá estados felizes enquanto os filósofos não forem reis e os reis não forem filósofos.” (idem, idem, Rep. 499 d -500 a). Mas se o filósofo tem uma natureza divina, então ele é o portador de uma divindade, ou o enviado dos deuses para reorganizar a cidade de acordo com o modelo deles, os deuses. Os deuses têm assim uma mensagem para os homens através do filósofo: tornem-se felizes.

Uma cidade que tem, portanto, uma origem não no plano da política, da polis do mundo dos sentidos, mas uma *pólis* com uma origem no plano das idéias, no plano dos deuses. A *Politéia* que, por ser perfeita, tem que ter a ligação com *theios* (θεῖος), com o que vem dos deuses, “de origem divina”. (Isidro, 1998, p. 263). Ela mesma é “consagrada aos deuses” (idem, idem, idem). A *Politéia* é a cidade de origem divina, organizada por aquele que tem origem divina, o rei-filósofo, que a consagra aos deuses.

E não pode haver cidade de deus com males, os habitantes desta cidade só podem ser, todos, sem exceção, felizes. “E quando toda a cidade tiver aumentado e for bem administrada, consentir a cada classe que participa da felicidade conforme a sua natureza.” (PLATÃO, Rep. 421 c). Assim, ainda que a humanidade seja composta por seres de naturezas diferentes, apesar das diferenças, ninguém será privado da felicidade.

“Assim é que eu entendo que é, e não como tu expuseste de início. Se os justos têm uma vida melhor e são mais felizes.” (idem, idem, 352 d). Dessa forma, a discussão principal é sobre a felicidade humana e a justiça é o que a garante na *pólis*. Saber sobre levar uma vida justa é saber qual modo de vida se deve levar de tal forma que essa vida seja a mais feliz, pois “o homem justo é feliz, e o injusto desgraçado” (idem, idem 354 a). Para Platão, só é possível fazer uma cidade feliz, governar uma cidade para que ela seja feliz e mantê-la em tal estado de felicidade se aqueles que governam são felizes de fato, a saber, os filósofos. Pois, diz-nos Platão, “esta raça deve ser feliz de fato” (idem, idem, 420 b).

O que é feliz não é mais aquele ser miserável, acorrentado às aparências e aos prazeres das sensações:

Aquele que verdadeiramente gosta de saber tem uma disposição natural para lutar pelo Ser, e não se detém em cada um dos muitos aspectos particulares que existem na aparência, mas prossegue sem desfalecer nem desistir da sua paixão, antes de atingir a natureza de cada Ser em si, pela parte da alma à qual é dado atingi-lo – pois a sua origem é a mesma -; depois de se aproximar e de se unir ao verdadeiro ser, e de ter dado à luz a Razão e a Verdade, poderá alcançar o saber e o viver e alimentar-se de verdade, e assim cessar seu sofrimento (PLATÃO, República, 490 a- b).

Ao cessar o sofrimento, o homem não luta mais consigo, aprendeu a colocar o elemento racional no governo dos elementos desejantes da alma, adquirindo um bem-estar. “A virtude será, ao que parece, uma espécie de saúde, beleza e bem-estar da alma.” (idem, idem, 444 e). Se a justiça é para a felicidade, então, é feliz aquele que ajusta seu modo de viver à sua natureza, o que faz dele um ser saudável, virtuoso.

Dessa forma, o homem virtuoso é feliz, aquele que busca a verdade, os verdadeiros prazeres, aquele que vive o verdadeiro prazer da vida filosófica. “a felicidade superior do homem que vive segundo a política do Estado perfeito, isto é,

vive a vida filosófica, aparece também a partir de considerações ulteriores em torno ao prazer (...). A felicidade não pode consistir senão na forma mais alta do prazer, que é o da parte racional da alma. Esse prazer é também o mais verdadeiro, aliás, o único verdadeiro, porque o objeto que o causa é o objeto mais verdadeiro, é o *ser* e o *eterno* contemplados pela alma” (REALE, 1994, p. 271).

Enfim, se o fim para o qual a filosofia está destinada é para a contemplação do Bem, então ela o é para a plena realização da felicidade, pois “para Platão o Bem e a felicidade são uma e a mesma coisa. E para o pensamento religioso dos gregos a felicidade é o mais importante dos atributos da divindade” (JAEGER, 2003, p.877). É assim que todo esse esforço é para o alto, “seguiremos sempre para o alto” (PLATÃO, República, 621 c), no qual o cume é a vida feliz.

E se essa busca final da filosofia é pela resposta final, em Platão, na *República*, ela tem a palavra final: “felizes”. É com essa palavra no plural que Platão encerra a *República*: “felizes”. Porque, na *Politéia*, não basta que eu seja feliz, não basta que um ou outro seja feliz. É preciso que todos nós vejamos felizes. Esse é o prêmio que hão de receber todos aqueles que são justos, que lutam para levar uma vida justa, conforme os preceitos dos deuses: a felicidade.

Seguiremos sempre o caminho para o alto, e praticaremos por todas as formas a justiça com sabedoria, a fim de sermos caros a nós mesmos e aos deuses, enquanto permanecermos aqui; e, depois de termos ganho os prêmios da justiça, como vencedores dos jogos que andam em volta a recolher as prendas da multidão, tanto aqui como na viagem de mil anos que descrevemos, havemos de ser felizes. (PLATÃO, Rep. 621 d)

5- FILOSOFIA COMO FENÔMENO ESTÉTICO, ÉTICO, POLÍTICO E TEOLÓGICO.

Precisamos de início destacar que assim como “nunca houve entre os filósofos gregos qualquer distinção entre ética e política” (SPINELLI, 2006, p.142), da mesma forma, um conceito de filosofia na *República* perpassa, e se desdobra, e se inter-relaciona estética-ética-política e teologicamente.

Se a pergunta principal é a pergunta pela felicidade, se essa pergunta se volta sobre o ser mesmo que é a pergunta, esse movimento quer modificar o ser que pergunta. Platão quer modificar o ser, produzindo um novo ser, tendo o modelo dos deuses para tal. A filosofia apresenta a estética do divino, fazer da vida humana uma vida divina, a identidade divina, a filosofia divina.

“Portanto, a perspectiva correta de leitura da *República*, (...) permanece a que acima foi indicada: *Platão quer conhecer e formar o estado perfeito para conhecer e formar o homem perfeito.*” (REALE, 1994, v. II, p 243). E quem é o homem perfeito? O homem perfeito é o homem virtuoso? E quem é o homem virtuoso? É aquele que segue o modelo dos deuses, as orientações dos deuses, assim como Sócrates na *Apologia*.

É possível ser um homem perfeito, ou melhor, é possível educar os homens de modo que se tornem perfeitos. Para isso, eles precisam seguir o caminho da justiça, aquele em que as virtudes estão acima de tudo, caminho que eleva os homens aos deuses: “efetivamente, os deuses nunca descuidam de quem quiser empenhar-se em ser justo e em se igualar ao deus, até onde isso é possível a um homem, na prática da virtude.” (PLATÃO, *República*, 613 a-b). Vemos isso também no trecho: “Recordemos a nossa conversa a partir do ponto em que analisávamos as qualidades naturais que tem de se ter para vir a ser um homem perfeito” (idem, idem 490 a).

Desse modo, tendo o modelo da perfeição divina, Platão quer remodelar o homem, mais ainda, a alma humana. “E nem é numa atitude primariamente teórica que Platão se situa diante do problema da alma, mas antes numa atitude prática: na atitude

do *modelador de almas*” (JAEGER, 2003, P. 751). E essa modelação não é para qualquer forma, mas para a forma bela.

“Platão insiste na harmonia do espírito e do caráter e é por isso que, resumindo tudo o anterior, apelida concisamente o seu filósofo de *kaloskagathos*” (idem, idem, p. 849). *Kalós* significa “belo, coisas belas, elegância, nobre, bem, virtude, puro, perfeito, preciso, apto, hábil”; Já *kalokagatheo* é a prática da virtude; *kalokagathía* é a honestidade perfeita, probidade completa. Assim, o belo não é só aquele que é elegante, nobre, mas também o apto para, hábil para, por exemplo, governar.

O homem perfeito é o que possui a perfeita beleza, e a perfeita beleza a possui quem pratica a virtude completa, em resumo, o mais belo é o mais iluminado, o que conhece a verdade (o Bem), aquele que mais pratica o que é mais virtuoso, enfim, o mais educado, o mais sábio: “Como é que quem é o mais sábio, meu caro, não há de ser o mais belo?” (Platão, Protágoras, 309 c).

Essa é uma herança socrática, em Platão, a filosofia tem que estar associada a um modo de vida. Segundo Pierre Hadot, após a morte de Sócrates, sua influência foi fundamental não somente em Platão, mas na escola cínica, de Antístenes; na escola de Cirene, de Aristipo, e na escola de Megara. “Em todo caso, um ponto parece comum a todas essas escolas: com elas aparece o conceito, a idéia de filosofia, concebido (...) como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado a um discurso” (HADOT, 1999, p. 49).

Se a filosofia é uma amizade pela sabedoria, a sabedoria na Antiguidade, inclusive em Platão, é um modo de ser. O modo de ser justo é o modo sábio, visto que “justiça é virtude e sabedoria” (PLATÃO, República, 350 d). A filosofia não é, em Platão, como alguns autores colocam, uma filosofia do saber pelo saber, mas uma busca pelo saber para um modo de ser:

A sabedoria é considerada em toda a antiguidade um modo de ser, um estado no qual o homem é radicalmente diferente dos outros homens, no qual é uma espécie de super-homem. Se a filosofia é a atividade pela qual o filósofo prepara-se para a sabedoria, esse exercício consistirá necessariamente não só em falar e em discorrer de certa maneira, mas em ser, agir, e ver o mundo de certa maneira. (HADOT, 1999, p. 313)

Em Platão, na *República*, a esse modo de ser de “certa maneira” é uma maneira certa de ser. E maneira certa tem, por um lado, um viés com o divino – teológico e, por outro lado, a partir dessa referência, uma maneira de se comportar no mundo, uma política. É assim que a ética, a estética, a teologia e a política são multiplicações conceituais do que é filosofia na *República*.

Se, para Jaeger a *República*, “a obra máxima platônica (...) é um *Tractatus theologico-politicus* no sentido mais próprio do termo” (JAEGER, 2003, p. 518), a noção de filosofia tem que, necessariamente, transpassar entre esses vieses, o teológico e o político.

Assim, se a discussão filosófica é sobre a regra de vida que se deve adotar (uma conduta ética) a filosofia, então, que é uma atitude para um mundo maior, para o mais alto, tem que estar, ao mesmo tempo, a serviço de uma transformação do ser, para elevação do ser. Essa transformação do ser é, em um sentido, para com ele mesmo, a justiça que se processa no indivíduo, o ser que se investiga a si mesmo, dialoga consigo mesmo para harmonizar-se a si mesmo; e, em outro sentido, uma transformação do ser na *polis*, do ser que só acontece na *pólis*, só existe na *pólis*.

Quando o filósofo desce do plano da contemplação até a *pólis* ele traz algo novo. A filosofia, sabemos então, tem que apresentar o novo, a novidade e abrir o ser para adotar uma novidade e, consequentemente, modificar as relações no mundo, para uma transformação do mundo, um mundo novo que precisa nascer. Mas, mais ainda do que a novidade, a filosofia deve apresentar, na *República*, a novidade da verdade que vem da contemplação do Bem e deve descer ao mundo da *pólis* para tentar modificá-lo. Quem incorpora o papel de governante, mas governante no seu aspecto divinizado, o revelador da verdade, da boa nova, é o rei-filósofo.

O discurso platônico alcança, pois, a máxima clareza desejável, proclamando a suprema Idéia do Bem, ou seja, o Bem em si como “modelo” supremo ou “paradigma” do qual o filósofo deve servir-se para regular a própria vida e a vida do Estado. Com isso, Estado platônico alcança sua plena definição: ele pretende a entrada do Bem na comunidade dos homens por meio daqueles poucos homens (justamente os filósofos) que souberam elevar-se à contemplação do Bem. (REALE, 1994, p. 259)

E o filósofo é quem vai descer das alturas da verdade e anunciar a boa-nova à multidão, da qual um dia ele participou. “O fato de a multidão não acreditar no que se disse não é motivo nenhum de espanto. Com efeito, nunca viram realizado¹ o que agora foi anunciado” (PLATÃO, República, 498 d), ou seja, nunca viram acontecer isso que se aparece e se anuncia. Em primeiro lugar, uma vida diferente da vida que se tem na caverna. E depois, a anunciação que implica dizer: a vida que vocês levam é pequena, venham ser uma coisa diferente do que vocês estão sendo. Dessa forma, para que haja uma adesão ao filósofo que anuncia, é preciso que acreditem nele de algum modo. Tarefa difícil, porque é preciso muita coragem para despojar-se do que se é. A multidão tem que se convencer, acreditar nisso que ele anuncia e que não vê. É preciso argumentar até que apareça a crença. Mas a crença é fruto de argumentação? É preciso, então, nascer uma fé. O filósofo tem que produzir uma fé na multidão. Só a partir dessa fé que poderá haver um movimento em relação ao que se anuncia. A partir do nascimento da fé, da adesão àquilo que não se vê, a *pólis* começa a se movimentar. A filosofia, e a teologia, e a política, e uma nova estética acontecem: anunciação, argumentação, fé, adesão, recusa, transformação, renovação, ascensão. “O Divino tornase, assim, além de fundamento do ser e do cosmo, e da vida privada dos homens, também o fundamento da vida dos homens na dimensão política, o eixo fundamental verdadeiro da polis.” (REALE, 2003, p. 259).

É a filosofia que tem o dever de fazer nascer um novo mundo, na figura divinizada do filósofo que deve se tornar rei:

Para Platão, a tese do reinado dos filósofos nasce da consciência de que é a Filosofia a força construtiva deste novo mundo em gestação, isto é, precisamente aquele espírito que o Estado pretende destruir na pessoa de Sócrates. Só ela, a força que criou o Estado perfeito no mundo do pensamento, é capaz de colocá-lo em prática, se lhe derem o poder necessário para o fazer. (JAEGER, 2003, p. 839).

No entanto, em Platão, essa força tem que literalmente forçar. Platão quer forçar essa situação da ligação da filosofia com o poder de comando, o poder político. Ao contrário de Sócrates, que procurava esvaziar o ser humano de suas “verdades” sem uma preocupação em preencher o vazio que fica, pois Sócrates não tinha uma verdade socrática para impor, Platão quer forçar uma verdade no interlocutor.

Primeiramente, no momento em que vai sair da caverna, o prisioneiro é forçado a se endireitar: “logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a se endireitar de repente” (PLATÃO, República, 515 c). E já que essa verdade se impõe, então, ela não acontece naturalmente, não vem de dentro, é uma força que vem de fora: “forçados pela verdade” (idem, idem 499 b).

E é também assim que, num segundo momento, por imposição da verdade, o filósofo é forçado a ocupar-se do Estado. É assim que Platão, confirmado Diógenes Laércios, vai colocando na boca de Sócrates palavras que ele talvez nunca pudesse ter dito. Diz, então, o personagem Sócrates da *República*:

Por tais motivos – disse eu- e com esta preocupação, é que então dissemos, apesar do nosso receio, mas forçados pela verdade, que não há Estado, nem governo nem sequer um indivíduo que do mesmo modo possa jamais tornar-se perfeito, antes que a esses filósofos pouco numerosos a que agora chamam, não perversos, mas inúteis, a necessidade, saída das circunstâncias, os force, quer queiram quer não, a ocupar-se do Estado, e que este lhe obedeça. (PLATÃO, República, 499 a-b)

É por uma política que começa numa imposição que Platão vê a solução para os problemas humanos, pois “Não cessarão os males para o gênero humano antes de alcançar o poder a raça dos verdadeiros e autênticos filósofos”. (PLATÃO, República, 509 b-509 d).

Vamos seguir o roteiro da filosofia em Platão na *República*. Ela envolve uma reeducação do ser aprisionado, por uma força mística superior; exige uma nova tomada de postura diante da vida, do visível, procurando mirar a luz e, em seguida, o esforço para se chegar ao mundo iluminado. Um esforço em busca por algo maior, mais completo, mais bonito; depois, a contemplação desse algo mais belo e, em seguida, fazer dessa contemplação, um modo de transformação daquilo mesmo que o fez filosofar, ou seja, o mundo limitado, o mundo da ignorância. É aquele movimento de subida e descida, ou seja, do mundo da *polis* sai o ser que não vai mais se contentar com o mundo pobre das ilusões, elevando-se até à contemplação da verdade e, assim como ele foi obrigado a se endireitar para subir, agora ele é obrigado a descer de volta ao mundo das sombras, para a ação política da mudança. É mais ou menos assim um roteiro: libertação → educação a uma norma → ascensão → contemplação → descida → práxis → libertação.

A filosofia com Platão só tem significado se a ela está associada a essa idéia circular de ir e vir, pois é o ir e vir que renova. Essa idéia que, inclusive, está implícita na doutrina da transmigração porque a transmigração da alma é um ir e vir, mas cada vez que se volta, volta-se diferente do que se era. Portanto, de novo, a idéia de mudar a forma de ser para uma nova. E o ir e vir pressupõe uma liberdade. É preciso ser livre para despojar-se de um ser para seguir rumo ao um novo ser, ou ao Ser platônico.

Assim, a vida como se operava na Grécia de Platão, o sistema político, o sistema educacional e o cultural (a música, a poesia de Homero) fazem parte daquelas formas difusas de um mundo, segundo Platão, que não ajuda o espírito para o conhecimento do que é verdadeiro ou da verdade. Ter o conhecimento verdadeiro é estar de posse, como os filósofos, do conhecimento na sua totalidade e só pode estar de posse do conhecimento na sua totalidade um espírito livre, aquele que se libertou das correntes.

“E é assim que a filosofia torna-se paradoxalmente o caminho para o verdadeiro poder.” (JAEGER, 2003, p. 840). Sim, pois a filosofia que de início era uma amizade, uma busca, um seguir, poderíamos dizer, seguir pistas, melhor ainda, a filosofia sempre estava mais associada ao caminho, agora, na *República* ela é a chegada, a verdade, e não mais só a busca, mas a posse. Sim, pois ela tem que possuir o Estado, ela tem que ter a posse do Estado. É que parece que as relações de poder pressupõem uma dominação, uma posse. Na *República*, a filosofia tem que estar associada ao poder: “Enquanto o poder político e o espírito filosófico não coincidirem, Platão julga impossível uma solução construtiva do problema grego da formação do Homem, em sentido socrático, e, portanto da superação dos males da sociedade presente.” (idem, idem, p. 839).

E não é uma amizade pelo saber que vai estar no alto comando, mas “é o conhecimento da verdade que deve ocupar o trono do Estado reconstruído. (...) O conhecimento da norma suprema, que o filósofo abriga na sua alma, é o fecho da cúpula do sistema do Estado educacional platônico” (Idem, idem, p.844)

Com todo o debate que se inicia na *polis*, a dialética filosófica deve chegar agora no lugar do conhecimento verdadeiro. A realização da filosofia acontece na libertação dos indivíduos. “A política é a forma culminante da filosofia, um compromisso ético para o prisioneiro liberado que consegue escapar da caverna”. (KOHAN, 2003, p.31)

Lembremos que Sócrates pensava numa transformação que deixava transparecer o que viesse do ser do indivíduo. Sócrates instigava uma verdade que saísse de dentro do interlocutor, uma maiêutica. Já Platão, na *República*, sugere um ordem que vem do filósofo, da sua conexão com o alto, com o divino.

Não é tanto que a política deva acontecer pela imposição da lei que vem do alto comando do Estado, mas pelo reconhecimento consciente de todos de que o filósofo tem um saber que os outros não têm. E nada pode ser mais inquestionável do que a verdade que o filósofo abriga em si.

Precisamos sempre pensar até que ponto isso não possa vir a ser um modo de estar preso a uma verdade que vem de fora, apesar de não ser possível de deixar de admitir que Platão pensa em termos políticos, de uma ordem para a cidade, ordem essa que é difícil pensar sem um comando central superior.

Fica a questão de saber, então, se os deuses de Platão impõem a verdade ou deixam o homem percorrer caminhos? Na *República*, enquanto representante do divino, o filósofo é interlocutor de uma voz que vem dos deuses. É nesse sentido que acontece a filosofia política de Platão na sua conexão com a teologia, com a palavra de Deus, com o verbo divino. O filósofo é aquele que vai pôr em discurso a verdade que desce do Olimpo.

Ainda assim, precisamos também pensar se ser livre é uma espécie de ser humano totalmente autêntico ou se isso é simplesmente estar ligado a uma ordem divina. Talvez estar livre é trazer essa dimensão divina para dentro do ser, e isso é uma coisa que inferimos a partir da leitura da *República*. O que nos faz retornar ao ponto de que a filosofia na *República* é um fenômeno estético, e ético, e político, ligado sempre ao teológico. A filosofia, portanto, é também uma busca por um modo divino de estar no mundo, de se viver.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia na *República* encerra uma questão? Ela põe um ponto final na discussão sobre a justiça, a felicidade, o conhecimento verdadeiro?

Sabemos que a *República* não é um diálogo socrático como, por exemplo, o *Crátilo*, que termina com um retorno ao que foi discutido, um convite para repensar o que foi debatido. Ao final do diálogo, diz Crátilo: “Assim seja, ó Sócrates, mas tu procura também pensar novamente essas coisas.” (PLATÃO, *Crátilo*, 440 e).

Na *República*, diálogo da fase da maturidade de Platão, ao contrário, Sócrates é quem põe fim ao diálogo com seu longo discurso. Ele, o filósofo, pede que acreditem nele, ou seja, que acreditem que ele diz a verdade para exercer o papel de condutor dos outros: “Se acreditarem em mim, (...) seguiremos sempre o caminho para o alto.” (PLATÃO, *República*, 621 c).

Assim, apesar de terminar em um ponto final, percebe-se que o conceito de filosofia na *República* se apresenta mais como um caminho, um meio para se atingir um fim que não finaliza em si. Como vimos, o caminho da filosofia platônica é circular. Sair em busca do conhecimento verdadeiro é retornar a causa aquilo que gerou esse conhecimento: a idéia do bem. Para entendermos o que é filosofia na *República* precisamos ter em mente esse sentido circular e menos pontual. Assim, para fazer filosofia é preciso sair da caverna para a luz e retornar à caverna; sair da lógica para a contemplação mística e imagética do Bem e retornar ao *logos*.

Essa caminhada circular rompe limites do conhecimento, exatamente por não parar em um lugar, mas essa continuação do jogo dialético do ir e vir é que nos possibilita ver melhor aquilo que se via de uma maneira imperfeita. A visão é um sentido especial nessa obra de Platão, e o conceito de filosofia se envolve completamente com essas possibilidades de ver, de como ver as coisas, de como ver além, de como ver melhor.

Essa caminhada filosófica circular tem uma motivação. Essa motivação está descrita na última palavra da *República*: “felizes”. A felicidade é uma meta, não como

fim, mas uma consequência do estar sendo justo, de estar circulando dentro de uma ordem própria com a natureza de cada ser humano.

O que é então a filosofia na *República*? Se pudéssemos resumir, poderíamos ensaiar uma resposta no sentido de que a filosofia é um meio para se atingir a felicidade. Para alcançar essa felicidade é preciso seguir o filósofo que pede para que os outros acreditem nele e, assim, “havemos de ser felizes” (PLATÃO, *República*, 621 d).

Para atingir essa meta, de fazer com que todo ser humano se torne um pessoa feliz, a filosofia trabalha com o conhecimento, mais propriamente com o conhecimento verdadeiro, aquele que leva o filósofo a contemplar o “Bem” supremo. Só na contemplação desse conhecimento que é do alto, que exige esforço para alcançá-lo, será possível a harmonia que faz bem a todo ser humano, longe dos males da desarmonia da injustiça.

Platão, com a idéia do “Bem”, eleva a filosofia a uma espécie de máxima contemplação, às alturas do pensamento. É um caminho ascendente que precisa ser realizado para a filosofia acontecer. E, de novo, para a filosofia para continuar a ser filosofia é preciso que ela faça um caminho de volta no sentido de conectá-la a uma práxis, a um modo de vida, à política.

Desse modo, reforçamos esse ponto, de que estaremos mais de acordo com a filosofia de Platão e com o modo grego de conceber as coisas se pensarmos em um conceito de filosofia que seja mais circular, com seu caminho de ascensão e descida, e menos de uma maneira retilínea que chega a um ponto final.

Assim, a filosofia atinge, na atitude contemplativa, uma conexão com o que é divino. E, depois, no seu aspecto prático cumpre um papel de colocar as coisas nos seus devidos lugares. A filosofia deve ordenar as coisas, conforme a natureza de cada coisa, conforme essa conexão divina da natureza das coisas. Dessa forma, a filosofia cumprirá seu papel de harmonizar o ser no mundo e o ser com ele mesmo.

É por isso que o conceito de filosofia na *República* está invadido pelo conceito de teologia, pois o filósofo é aquele ser “divino e sensato” (PLATÃO, *República*, 590c) que ensina que é preciso olhar “para o alto” e ver a luz divina, a perfeição divina. Esse aspecto extremamente importante do divino confluí o conceito de filosofia com o de

teologia, da divindade e, ainda, da perfeição da divindade. Nesse sentido, a filosofia, na *República*, é também uma busca pela perfeição.

Essa busca exige uma educação da alma, talvez seja melhor dizer, uma reeducação da alma para ver além das aparências. Assim, a filosofia será uma educação para a liberdade das ilusões, um liberdade da alma para um mundo que se descortina muito mais belo, muito mais completo, muito mais verdadeiro.

Dentro desse processo de educação da alma, é necessário um processo de autoconhecimento. Conhecer a verdade é também conhecer a verdade sobre si próprio, de modo que a busca pelo verdadeiro faz o homem reconhecer sua própria natureza e se colocar no lugar que lhe é próprio, assim como os astros no céu. A partir dessa compreensão, o ser humano passa a conhecer também uma liberdade, pois, para Platão, estar no seu devido lugar é ser livre, e estar fora dele é estar perdido, ou seja, em desacordo com a sua própria natureza.

Acrescentemos, então, ao nosso conceito que a filosofia na *República* é o caminho da educação correta para a liberdade da alma rumo à felicidade.

Seguir esse caminho filosófico é estar de acordo, então, com uma educação perfeita, no esforço também por uma postura ética, por um modo correto de estar no mundo. É dessa maneira que a filosofia é um grande conceito que deve englobar os outros conceitos da teologia, pedagogia, política, ética, mas sendo sempre ela, a filosofia a conduzir os outros no caminho da verdade.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. *O que é Política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo, Brasiliense, vol. I, 1994, cap.IV.

HADOT, Pierre. “*O que é filosofia antiga?*” São Paulo: Loyola, 1999.

ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Livraria Apostolado da Imprensa, 8^a edição. Largo das Terezinhas, 1998.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Pereira. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOHAN, Walter Omar. A certidão de Nascimento da Filosofia. *Humanidades*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.

LAERCIO, Diógenes. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora UnB, 1988.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas, e mascaradas*. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte; Autêntica, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*; tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OLIVEIRA, Mário Nogueira de. A educação filosófica grega: uma herança. *Humanidades*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.

PAIXÃO, Márcio Petrocelli. *O problema da felicidade em Aristóteles: A passagem da ética à dianoética aristotélica no problema da felicidade*. Rio de Janeiro: Pós-Moderno, 2002.

PLATÃO. *A República*. 9^a ed. Trad. por Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

_____. *Protágoras*. Trad. por Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Humanitas, 1999.

_____. *Apologia de Sócrates*. Col. Os Pensadores. Nova Cultural, 1996.

_____. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.

_____. *Crátilo*. Trad. Maria José Figueiredo. RS: Instituto Piaget, 2001.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *História da Filosofia Antiga*. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1994.

SANTOS, Ivanaldo Oliveira. *O significado da palavra “república” no título do diálogo A República de Platão*. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs-2/index.php/humanas/article/viewFile/551/561>

SCHÜLER, Donaldo. *A escrita de Platão* in: Eros, Dialética e Retórica. SP. Edusp. 2001.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. A dimensão ético-política da crítica platônica à *mímesis* na *Politéia*. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/arbz-fxndl/1/desserta_o_jovelina.pdf.

SPINELLI, M. *Questões fundamentais da filosofia grega*. Edições Loyola. São Paulo, 2006.